

Até professor emprestado foge da Valinha

Quando não desistem no primeiro dia, os professores ficam de uma semana a seis meses na Escola Estadual da Valinha. Com isso, quem sofre são os alunos e a diretora. "A criança sente dificuldades na adaptação. Quando elas se acostumam, o professor vai embora e eu pego as cinco turmas de volta", comenta Sebastiana. Ela defende uma ajuda de custo, pelo menos nas passagens de ônibus, para fixar os professores na escola.

A diretora conta que este ano a Prefeitura emprestou dois professores, que só chegaram no final de abril. Ao término do semestre, como de costume, eles deixaram a escola: "Se eles acompanhasssem uma turma durante dois anos, o rendimento seria melhor. Hoje, com o acúmulo de funções, não consigo me aprofundar nas matérias com eles. Tenho como única preocupação ensiná-los a ler, escrever e fazer contas como somar e subtrair."

Mas isso, para ela, "já é uma vitória". Para avaliar um aluno, Sebastiana age como psicóloga, assistente social e professora, ao mesmo tempo. "Não culpo os professores por largarem isso aqui. Nem todo mundo tem a dedicação e a força de vontade para vir de carona numa carroça, ou se lançar a pé nos três quilômetros de estrada de barro. Afinal, o professor recebe o mesmo para trabalhar aqui ou numa escola da Zona Sul do Rio", lembrou.

Nos 15 anos em que Sebastiana está na escola, pelo menos 20 professores deram aula para os alunos da Valinha, nome do lugarejo, que pertence ao distrito de Piranema, onde fica o colégio. Dos que desapareceram no primeiro dia, Sebastiana prefere não guardar lembranças.

Com a dificuldade de aprendizagem das crianças, devido à desnutrição e à falta de tempo para estudar — desde cedo elas começam a trabalhar na lavoura com os pais —, Sebastiana não admite que se faça greve na escola. Mesmo quando tem outros professores, ela tenta convencê-los a não participarem do movimento.

"Nossa participação na greve não significa nada para a categoria e o sindicato, mas representa muito para essas crianças. Enquanto os profissionais de ensino tiverem a mentalidade de deixar as crianças sem aula, eles não vão conseguir nada, a não ser o desprezo da sociedade. Baderna lá no centro da cidade também de nada adianta", comentou.

Para a diretora, a melhor forma de reivindicar melhores salários é se unir à comunidade e aos alunos. "Nossos governantes não estão preocupados com greve de professores, ou com o fato de isso prejudicar os alunos. Eles nem pensam em reformar as escolas", queixa-se Sebastiana. Ela conta que desliga a televisão quando vê um anúncio sobre a construção de novas escolas. "O nosso país não está preparado nem para ter Cieps. O dinheiro gasto na construção de um daria para reformar pelo menos 20 escolas, algumas prestes a fechar, tamanha a precariedade de suas instalações", afirmou.